Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 860

20 DE NOVEMBRO DE 1902

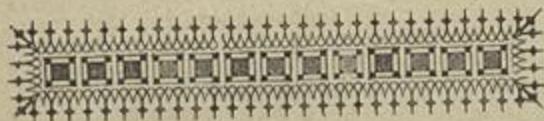
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

EL-REI D. CARLOS I EM PARIS

PARTIDA DE EL-REI D. CARLOS I E CONVIDADOS, EM AUTOMOVEIS, PARA A CAÇADA EM DAMPIERRE

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje é quasi só da França e dos francezes que temos de falar; é da viagem d'El-Rei e do theatro D. Amelia, onde representam a Bartet e o Le Bargy.

Sahiu de Paris o Sr. D. Carlos e já foi recebido por El-Rei de Inglaterra no seu castello de Windsor.

Apesar de viajar incognito, El-Rei de Portugal foi recebido pelo Presidente da Republica franceza com todas as honras pertencentes ao chefe d'uma nação amiga. No dia da sua partida a estação do norte estava adornada com flores, escudos e bandeiras francezas e portuguezas e a guarda republicana formando alas tocou á chegada d'El-Rei, clarins e tambores.

O presidente da republica fez-se representar n'essa occasião pelo barão de Roujaux.

O sr. Marquez do Soveral veio esperar El-rei a Calais.

El-rei de Inglaterra foi á estação de Windsor esperar o Sr. D. Carlos.

Todos os jornaes inglezes publicam artigos de muita sympathia para o nosso paiz, referindo-se aos laços de amizade que ligam as duas nações.

É de esperar que de Inglaterra nos cheguem sempre noticias tanto para alegrar-nos como as que nos vieram de França durante a estada do Sr. D. Carlos n'este paiz.

Apesar dos constantes e categoricos desmentidos, continuam ainda alguns jornaes falando de negocios sobre territorios portuguezes ultramarinos. Já se lhes não liga, porém, a mesma importancia e, ainda a viagem de El-rei foi util para ajudar a dar cabo das agencias de petas, com fins gananciosos para agiotas e talvez outros mais es curos.

Emquanto os francezes applaudiam El-rei de Portugal, nós aqui applaudimos os francezes.

Faladissimas teem sido as recitas das duas grandes glorias do theatro francez, Bartet e Le Bargy, que entre algumas peças muito nossas conhecidas, algumas trouxeram do moderno repertorio ouvidas com o maior interesse senão com enthusiasmo.

Variadissimos teem sido os espectaculos, bastando citar *La nuit d'Octobre* de Alfredo de Musset e *L'E'nigme* de Paul Heroieu para se ver quão differentes generos os dois grandes artistas francezes nos teem dado a admirar.

Não ficaremos por qui este anno. O Visconde de S. Luiz de Braga, fecundo em milagres, ainda nos promette para esta epoca a vinda do grande Coquelin.

D'estas campanhias estrangeiras gostamos nós que nos visitem, que todos temos a lucrar com isso.

Correndo com a memoria os ultimos annos no theatro D. Amelia, que noites d'arte recordaremos, com Novelli, Zaconi e Duse, com Sarah Bernhardt, Réjane, Hading, Jeanne Ganier e esta agora, com Maria Guerrero, com Sada Yacco!

Não sabemos o que o Visconde anda preparando para o anno, pois já vimos em D. Amelia as maiores glorias do theatro moderno, em lingua entre nós vulgarmente comprehendida.

Os artistas portuguezes que ali costumam representar estão actualmente no Porto, onde, como das outras vezes, percorrem o repertorio novo e juntamente algumas das peças mais applaudidas em outros annos pelo publico do theatro de S. João.

Verão os portuenses agora o que foi a linda festa, quasi toda ella organisada por Urbano de Castro, quando da commemoração da fundação do theatro portuguez. Ouvirão encantados os velhos, espirituosissimos versos de Gil Vicente, applaudirão no *Auto do Vaqueiro* o talento revelado por Henrique Alves, que era uma das mais bem fundadas esperanças do nosso theatro ainda ha pouco tempo e é já um primeiro actor, rirão com o trecho do *Auto da Feira* e do *Auto da Lusitania*, encantar-se-hão mais uma vez ainda com o perfume de terra portugueza que exhala o *Auto Pastoril*, e tão enthusiasmados como nós, hão de bisar o dialogo de *Todo o Mundo* e *Ninguem*, tão philosophicamente commentado por *Belzebu*.

O tempo chegou para os theatros e muitos vão dando que falar, chamando a attenção pelas peças escolhidas.

Na Rua dos Condes foram prohibidas depois da primeira recita as representações do *Major Donzella* e, antes de ir á scena na Trindade, as do *Major do 36*, traducção da mesma peça franceza *Le billet de logement*. Os empresarios d'este theatro convidaram a imprensa e varios amigos a assistir a um ensaio geral da peça, e depois de por elles observados os cortes e modificações que se haviam feito nas scenas mais escabrosas, tendo manifestado sua opinião, a policia, depois de assistir a um segundo ensaio, permittiu que a peça fosse representada.

Eterna questão esta de moralidade no theatro! Eterna questão a de censura previa! A opinião de Urbano de Castro lembra-me ter-lh'e ouvido um dia: «A maxima liberdade com a maxima responsabilidade.» Parece-me que tinha razão.

O que é incontestavel é que as peças que ultrapassam certos limites da decencia, até a boa arte prejudicam, dando cabo do gosto do publico, incapaz de perceber depois o que é devéras fino, artistico, digno de applauso e de respeito. Muita vez póde ser necessaria a scena escabrosa, o dito que arripie, mas é preciso que a arte o exija, que tenha em tempo devido sua resposta.

Não é immoralidade o mostral-a nua para corrigil-a, como não é crime o descrever um crime. Tudo pode salvar-se pela conclusão. Quem duvida hoje da injustiça com que foram incriminadas as *Flores do Mal*, de Baudelaire? Quem pode reconhecer n'um agente da policia auctoridade sufficiente para reconhecer uma ironia? Claro está que estamos agora longe da prohibição do *Major Donzella*, a cujas escabrosidades a maior parte da imprensa fez seus reparos.

Foi este o grande assumpto de conversação no que toca a theatros portuguezes esta ultima semana. Outros melhores e mais interessantes não tardarão, tanto mais que já chegaram os mais retardarios dos artistas que andavam por terras do Brazil colhendo loiros e algum dinheiro.

Angela Pinto voltou encantada, tendo feito com a *Severa* um beneficio estrondoso e promettido n'essa noite ao publico do Rio de Janeiro que voltaria d'aqui a dois annos.

Quanto a originaes portuguezes cremos que alguns foram entregues no theatro de D. Maria e dois pelo menos já se annunciam no D. Amelia, um de Raul Brandão, outro de Julio Dantas.

E se dos dramas theatraes passamos aos da vida real, não devemos deixar de mencionar a entrada em Lisboa de dois agentes da policia franceza que ahi vieram farejando o rasto da muito celebre Madame Humbert e C.ia

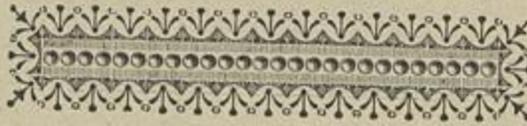
Parece averiguado que effectivamente a refinadissima patifa passou em Lisboa, caminho da America do Sul. E' hoje uma celebridade no mundo esta ladra genial que durante muitos annos soube enganar Paris com seus milhões, troçou da justiça, fugiu das garras da policia e se anda a rir ha muito de bufos, telegrammas, photographias espalhadas, denuncias e todo o mais enredo de comedia que ella embrulhou com sua vazinha diabolica.

Nas vendas do seu espolio bem se viu como ella e seus companheiros se tornaram celebres em Paris. Duas calças e uma camisa que ella usou elevaram-se á bonita somma de 295 francos. Parece que se tratava d'um manuscripto de Homero!

Que é tudo isto ao pé d'esses desgraçados trapalhões que fazem buracos nos tectos das lojas para roubar umas centenas de mil réis?

Decididamente andamos atrazados em tudo.

Por meia duzia de sêllos gemeram os nossos prelos, trabalharam os fios do nosso telegrapho. Bem diz o principe russo, que em breve vae ser julgado: Isto aqui é uma aldeia.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

EL-REI D. CARLOS I EM PARIS

A estada de El-rei D. Carlos em Paris tem sido um verdadeiro acontecimento na grande capital do mundo, tanto é o interesse que o monarcha portuguez tem despertado na vida parisiense.

Apesar do incognito que El-rei tem guardado na sua viagem, as diversões e festas tem-se succedido, offerecidas pelo presidente Loubet e pela aristocracia franceza.

A *matinée* offerecida pela redacção do *Figaro*, foi das festas mais artisticas a que El-rei D. Carlos assistiu. N'um palco armado no salão principal artisticamente decorado se realisou a representação em que tomaram parte os mais distinctos artistas, como Coquelin, Marguerite Carré, Lucien Guit, M.me Akte da Opera, Rejane etc.

El-rei na primeira fila, tinha á sua direita a princeza Eulalia e o ministro portuguez sr. Rosa, e á sua esquerda o principe Roland Bonaparte, Brito Capello, Conde de Arnoso, Pinto Bastos e capitão Surére.

Assistiram á representação os membros do corpo diplomatico, de Hespanha, Allemanha, Italia, Inglaterra, Turquia, Estados Unidos, Brazil, Grecia, Persia, Costa Rica, Bolivia, Monaco, Paraguay, Japão, Coréa, Chili, Nicaragua, Sião, Dinamarca, Mexico, Guatemala, Baviera, Roumania, Bulgaria e Portugal.

No fim da representação El-rei acceitou o convite de Mr. Calmette director do *Figaro* para tomar uma taça de Champagne.

O que, porém mais enthusiasmo tem despertado são as caçadas para que El-rei tem sido convidado.

O rei de Portugal confirmou ali mais uma vez os seus dotes de primeiro atirador.

A primeira caçada foi nas grandes propriedades do Conde de Castellane, um fidalgo da velha aristocracia franceza casado com uma formosa millionaria americana.

A recepção que o sr. D. Carlos teve no castello do illustre titular em Marais foi de todo o ponto principesca, deslumbrante.

A caçada foi explendida, tendo sido mortos 461 faisões, 125 perdigões, 20 lebres e 15 diversos.

A esta caçada seguiu-se a offerecida pelo Presidente da Republica em Compiègne.

Sob um formoso ceu de um dia de outono partiu El-rei acompanhado pelo ministro portuguez sr. Rosa, conde de Arnoso, MM. Fallières, presidente do Senado, os ministros Rouvier e Mougeot, general Dubois, Paulo Loubet e tenente coronel Lamy que dirigia a caçada. Chegados que foram e depois das saudações da etiqueta na *gare* de Compiègne, dirigiram-se os caçadores em *landaux* para as terras do *Petit Chateau*. A caçada realisou-se por uma serie de batidas, na avenida das Acacias, avenida Marie, nas estradas de Bordunes, Neuve, da Croise de Saint-Ligne, Saint-Corneille e avenida dos *Beaux-Monts*.

N'esta caçada foram mortos 149 faisões, 75 galos e 74 gallinhas, 212 coelhos, 2 cabritos montezes e mais 6 diversas sendo 1 perdigão.

Na volta houve um opiparo *lunch* offerecido pelo presidente Mr. Loubet na sala do Castello artisticamente decorada e onde se viam enlaçadas as bandeiras franceza e portugueza. O presidente da Republica fez um delicado brinde a El-rei D. Carlos, á Rainha D. Amelia e familia real portugueza. O Rei de Portugal correspondeu brindando ao Presidente Loubet e sua familia.

A caçada em Sandricourt teve um caracter mais intimo. Em casa dos marquezes de Beauvoir, El-rei D. Carlos baniu toda a etiqueta, attentas as estreitas relações de amizade existentes entre a familia Orleans e familia Beauvoir que acompanhou aquella no exilio, tendo sido o marquez de Beauvoir o intermediario nas negociações do casamento da princeza sr.a D. Maria Amelia. El-rei D. Carlos e sua comitiva partiu da *gare* do Norte em comboio expresso e 1 hora depois chegavam a Sandricourt, que está situado na linha de Beauvais um pouco antes da estação de Méru.

No castello encontram-se ricas mobilias, tapessarias e quadros de mestres, bellezas d'arte accomuladas ali por tres gerações dos senhores d'aquelle solar.

As terras do castello são vastas e abundantes de caça.

Quando El-rei chegou agglomerava-se o povo das cercanias que vinha saudar o rei de Portugal.

A caçada correu admiravelmente e El-rei D. Carlos foi enthusiasticamente saudado pelos primeiros caçadores que n'ella tomaram parte, pela destresa e boa pontaria não perdendo um só tiro.

Depois da caçada foi servido na sala de mesa do antigo castello, decorada das mais preciosas obras d'arte, o jantar que os marquezes de Beauvoir offereceram a El-rei D. Carlos e seus convidados, fazendo-se os mais enthusiasticos e delicados brindes.

Não foi menos interessante a caçada offerecida pelo duque de Luynes em Dampierre para a qual foram El-rei e convidados em authomoveis.

Outras caçadas houve ainda interessantissimas e que deixaram certamente as mais gratas recordações ao Rei de Portugal, e foram as offerecidas pelo duque de Chartres, em Chantilly, pelo conde de Greffulhe em Bois-Boudran, e pelo barão de Rothschild.

El-Rei D. Carlos deixou Paris no dia 16 do corrente em direcção a Boulogne-sur-mer onde o espera o navio posto ás suas ordens pelo governo inglez para o conduzir a Folkstone e de ali em comboio real a Saudringhan.

OS CIGANOS E O SEU DIALECTO

(Continuado do n.º 859)

VI

Em que se occupavam os ciganos e as culpas que lhes attribuiram

Ao apparecerem na Europa, alguma cousa de extranho e surprehendente havia de encontrar-se n'aquelles primitivos ciganos, não nos pseudo-perigrinos de cabellos crispados e mal encarados de que fala Pasquier, mas n'aquelles que se differençam das outras raças com as suas mulheres graciosas de longos cabellos corredios, hombros esbeltos e de brilhantes olhos, quando as miserias e as doenças não lhes apagam esse brilho, ou destroem sua compleição, e cujo typo tem sido transmittido de seculo para seculo até nossos dias.

Vejamos agora o aspecto que apresentava n'aquella occasião o caracter moral da Europa.

Sem nos remontarmos muito para alem da segunda metade do seculo XV, a Europa encontrava-se debaixo do regimen do mysticismo.

Os homens tinham-se acostumado a graduar as suas acções pela pauta do culto religioso, e o soberano como o guerreiro, o senhor como o escravo, não davam um passo do berço á cova, sem que elle tivesse sido submettido ás praticas do templo.

A invasão mahometana não fez mais do que modelar-lhe a forma.

Se as povoações do extincto imperio grego, desde a Asia menor até á Hungria adoptaram o culto de Coran, nem por isso se regiam menos pelos rithmos do mysticismo.

O sacerdocio era a unica supremacia. Só elle dava empregos e concedia as mais elevadas distincções; só elle possuia bastante sciencia para ser consultado e para confortar os espiritos, só elle tinha prestigio para ser acreditado e querido.

Apparecem os ciganos, espalham-se por toda a parte, constroem os seus aduares no meio dos bosques, nas margens dos rios, ou no interior das montanhas.

Encontram o modo de crear alguns cavallos e jumentos, estabelecem forjas para a manufactura de pequenos objectos de ferro, occupam-se em fazer cestos e canastras, trabalham em sóccos e gamellas.

Eguaes occupações manuaes tinham os ciganos que se estabeleceram na Selva Negra, em Aranyosch, na Serra Nevada e no Darro.

Algumas das balas de ferro que o rei Fernando

lançou contra os mouros de Granada em 1491, foram forjadas pelos ciganos nas covas das serras visinhas, e cinco annos depois, no outro extremo da Europa, o bispo Segismundo encommendou em Funfkirchen, aos ciganos que ali se encontravam, eguaes projectis para os empregar contra os turcos que ameaçavam a Hungria

E assim o rei catholico e o bispo guerreiro utilisaram os serviços dos ciganos, dos vagabundos sem culto, que não davam baptismo a seus filhos, que não iam buscar á egreja benção para o seu matrimonio, não chamavam o clero para os seus funeraes, não se acercavam do altar nem do confessionario, nem enchiam os alforges do frade mendicante.

Ao mesmo tempo a mulher do cigano era consultada pelas principaes senhoras da côrte, e pelas mulheres do povo, pelos senhores de toga e brazão, de cota e arnez e pelos populares mais humildes.

A todos lia a *buena dicha*, dizia palavras de esperança ou murmurava phrases mysteriosas quando a consulta versava sobre negocios de coração.

Ás mulheres vendiam as ciganas filtros de amor, aos homens davam conselhos para se fazerem amados.

A cigana entrava com toda a liberdade nos aposentos mais particulares das mais illustres familias, e muitas vezes eram procuradas no mais recondito das suas cavernas.

A cigana era uma especie de sacerdotiza que exercia o seu ministerio sem as pompas exteriores do culto religioso, mas nem por isso as suas praticas eram menos expressivas, menos reverenciado o seu poder occulto, a sua influencia menos temida e estimada.

Muitas vezes os seus artificios singulares chegaram a alcançar maior prestigio, que as cerimonias do mysticismo, não obstante a humilhação em que se encontrava a Europa debaixo da supremacia do regimen do sacerdocio.

Subitamente começaram a espalhar-se e a tomar vulto de um a outro extremo do mundo as accusações mais extravagantes e as revelações mais absurdas a respeito dos ciganos.

Accusam-nos de ladrões, envenenadores, canibaes, espiões, feiticeiros e incendiarios.

Todo este alluvião de crimes cae sobre a cabeça dos ciganos prompto a esmagal-os.

Seriam os mesmos que inventaram a lenda da sua penitencia quando os ciganos chegaram á Europa, os auctores d'essas horriveis historias?

Não se póde affirmar, comtudo não faltam circumstancias para nos levarem a essa persuasão.

Parece-nos que ao que posteriormente se deu o nome de interesse politico nós poderiamos chamar zelo religioso.

Durante o seculo XV o povo cigano é considerado como um povo estrangeiro, mas não é por essa causa perseguido.

As chronicas allemãs, italianas e hespanholas fazem menção dos chefes que dirigiram as diversas hordes de ciganos, e da protecção que encontravam nos soberanos em cujos territorios entravam de passagem ou fixavam a sua persistencia.

O rei Zindelo, os duques Miguel, André e Manuel, o conde João, o nobre cavalleiro Pedro o chefe Thomaz Polgar, que em 1496 prestou auxilio contra a Turquia, e o bispo Segismundo, todos estes cita Quindalé, terem dado publicas demonstrações de protecção ao povo cigano, o que mostra que elle conservava uma certa reputação entre as raças europeas.

Mas de repente nasce a desconfiança. Os juizes instauram processos em que se fazem as accusações mais extraordinarias.

Um cigano é accusado de levar correspondencia ao campo musulmano ou de ter descoberto ao inimigo segredos importantes da guerra, outro de roubar as cavallariças, outro de incendiar uma granja, este de ter lançado mal olhado a uma aldêa, de que resultou ter ahi sido declarada a peste, aquelle de ter assassinado um viajante e com alguns companheiros banquetear-se depois com o seu cadaver no meio d'uma selva; outro de deitar veneno nos comedouros d'uma vara de porcos, morrendo todos, sendo em seguida a carne corrupta devorada pelo envenenador e seus cumplices.

Depois ha testemunhas que nos seus depoimentos affirmam que os ciganos teem pacto com o diabo; que blasphemam de Deus e dos Santos da Egreja, que fazem sortilegios; que exercem a magia negra; e que ao clarão confuso das labaredas d'uma fogueira, no fundo d'um valle, tinham visto revoltear ao redor d'ella um passaro cinzento, de forma extranha, ao qual uma cigana falava em linguagem desconhecida, indo depois a ave pousar-lhe no hombro, e murmurar-lhe ao ouvido palavras que deviam vir do inferno, se é que o passaro gris não era o proprio Belzebut.

Pouco a pouco começa a prohibir-se aos ciganos que trabalhem em ferro, que façam ferraduras, caldeiras e sertãs, que trafiquem em cavallos e habitem os logares onde haja minas de ouro.

Os ciganos innocentes dos crimes que lhes imputavam, resistem a essa perseguição parcial, apesar das insinuações do clero, até que o zelo religioso se allia ao interesse politico, começando então a descoberto a grande perseguição geral a todos os ciganos criminosos ou não.

VII

Perseguição dos ciganos em toda a Europa

Uma das mais horriveis perseguições a que se entregou a humanidade foi a de 1348

Accusava-se o judaismo de ter envenenado as fontes e cisternas para matar os christãos, e d'isto se concluiu ter resultado uma peste mortifera na Europa, como se os proprios judeus não tivessem sido egualmente attingidos por essa enfermidade mortal.

Em Hespanha as prizões estavam cheias d'aquelles infelizes condemnados a soffrer os supplicios mais crueis.

Os dias eram pequenos para as execuções que continuavam durante a noite, ao clarão sinistro de grandes fogueiras, holocausto horrendo á intolerancia.

Os judeus que escapavam ao rigor dos tribunaes eram victimas da ira do povo ignaro e fanatico, que não respeitava nem idades nem sexos.

Alguns dos perseguidos lograram refugiar-se em logares ignorados ou inaccessiveis, d'onde muitos só se atreveram a sahir cincoenta annos depois, quando a heresia dos hussitas e de outras seitas occupava por completo os espiritos de uma grande parte da Europa.

D'esta circumstancia nasceu a supposição de que os ciganos eram esses judeus humisiados, que ao voltarem ao seio das povoações negavam a sua origem israelita intitulando-se egypcios.

Muitos eruditos acceitaram estas conjecturas como um facto real, quando afinal não passava d'uma phantasia.

Depois d'essa grande perseguição expontanea e popular, em que a ignorancia e a superstição das massas foram os principaes motores, succedeu outra de não menos terriveis consequencias para as victimas attingidas, na qual serviu como arma politica o tribunal do santo officio, quando elle começou a predominar em Hespanha em 1481.

Em março de 1492 decretou-se a expulsão total da raça hebrêa, e este decreto dos reis catholicos serviu de exemplo a eguaes actos de violencia, seguidos e adoptados successivamente pelos outros soberanos da Europa.

Tomando-se por norma o que se tinha seguido com os hebreus começaram a apparecer, dois annos depois, algumas disposições contra os ciganos, porém, só em 1499 é que se publicou a grande pragmatica firmada em Medina del Campo, sob a influencia do arcebispo Jimenez de Cisneros, poucos mezes antes de ter ido a Granada anullar os tratados solemnes celebrados com os mouros, quando lhes havia sido conquistado aquelle reino, obrigando-os a expatriarem-se ou a abjurarem a sua religião, fazendo-se christãos, e isto sob pena de serem condemnados á morte e confiscadas as suas fazendas.

Na epocha em que esta pragmatica se publicou, achavam-se já os ciganos dispersos pela Hespanha, impossibiltados de poderem exercer livremente as occupações a que se entregavam até ali, desde a sua primeira apparição.

O decreto de Medina del Campo ordenava que os egypcios e caldeireiros estrangeiros, no espaço de sessenta dias, contados da sua proclamação, se estabelecessem nas provincias de Hespanha, servindo aquelles que em troca lhes dessem o alimento, prohibindo-os de vaguearem em bandos pelo reino. Determinava o mesmo decreto que os ciganos que n'aquelle praso não tivessem cumprido as disposições indicadas ou não tivessem sahido de Hespanha, soffreriam pela primeira vez a pena de cem açoutes e desterro perpetuo e reincidindo ser-lhes-hiam as orelhas cortadas e desterrados novamente.

A exemplo dos reis catholicos Dieta de Augsburgo determinou no anno de 1500, um anno depois da publicação da lei anterior, a expulsão dos ciganos de todo o imperio germanico com as mesmas clausulas da pragmatica de Medina del Campo, revogando todas as cartas e provisões anteriores a favor dos ciganos.

Porem nem uma nem outra disposição obteve o effeito desejado no primeiro terço do seculo XVI.

Em Hespanha alguns ciganos que se hospedaram nas povoações continuaram nos seus officios de ferreiro e caldeireiro.

Na novella *El Lazarillo de Tormes* apparece um d'esses caldeireiros vendendo uma chave velha ao heroe da lenda, assim como se narram outras particularidades relativas aos ciganos e ao ciganismo. em capitulos que foram supprimidos pelo Santo Officio.

Em razão, pois, da obstinação dos ciganos, no reinado de Carlos V, é renovada a pragmatica de seu avô, nas côrtes de Toledo em 1525 e nas de Madrid em 1528 e 1534, com o additamento de que á segunda reincidencia fossem considerados os ciganos propriedade de quem os prendesse.

Do mesmo modo a ordenação da Dieta de Augsburgo foi renovada em 1530, 1544, 1548 e 1551, e confirmada por um regulamento da policia publicado em Francfort em 1577.

Em 1545 o tribunal superior de Ultrech deu sentença contra um cigano por ter desobedecido á lei de desterro, condemnando-o a ser açoutado *até lhe arrebentar o sangue da pelle*, cortando-se-lhe as narinas e rapando-se-lhe a cabeça antes de ser conduzido ao extremo da provincia.

Em outros pontos da Allemanha, os ciganos depois de açoutados e perseguidos como se fossem animaes ferozes em correrias de caça, chegavam a ser queimados vivos, algumas vezes a pedido das mesmas victimas, para se libertarem mais depressa das atrocidades que lhes estavam infligindo.

Henrique VIII de Inglaterra sanccionou em 1531 o *bill* do Parlamento perseguindo os ciganos, o qual por cahir em desuso foi publicado novamente no reinado de sua filha Isabel.

Não houve estado nenhum na Europa que não entrasse no numero dos perseguidores contra os suppostos egypcios, sem que a estes se marcasse o limite do seu desterro, nem se lhes desse auxilio de nenhuma especie para supportarem as longas viagens a que os obrigavam a crueldade dos seus soberanos.

D'ahi o encontrarem quem condoido das suas desgraças lhes désse asylo e protecção, apezar dos crimes que lhes imputavam, resistindo os ciganos a todas essas medidas de oppressão e desterro, sendo preciso que ellas se multiplicassem, addicionando-se-lhes castigos contra as auctoridades que não cumprissem intransigentemente as suas disposições, ou contra quem quer que fosse que désse guarida e soccorros aos ciganos perseguidos.

Em França, no reinado de Francisco I, crearam-se disposições contra os ciganos as quaes foram solemnemente renovadas no tempo de Carlos IX, aggravando-se essa perseguição por editos dos Estados geraes, reunidos em Orleans em 1561, que os mandava expulsar a ferro e fogo.

Mas como isto ainda não fosse sufficiente, em 1612 publicou-se ainda outro edito de exterminio contra a raça cigana.

O imperador Carlos V, apezar dos decretos de perseguição já citados, promulgados em Hespanha e Allemanha durante o seu reinado, fez publicar outros similhantes nos Paizes Baixos, condemnando á morte os ciganos que fossem encontrados. Estes decretos foram confirmados em 1582 pelos estados das Provincias Unidas.

Na Polonia, em 1578, foi posta em vigor a lei prohibindo a hospitalidade aos ciganos e desterrando os que infringissem esta disposição.

Pio V nos estados pontificios, os ducados de Parma e de Milão, a republica de Veneza, a Dinamarca e a Suecia egualmente os expulsam. A lei que a este respeito publicou a Suecia em 1622 foi rigorosissima e as que se lhe seguiram ainda mais severas.

Juntamos aqui o resultado das investigações a respeito dos ciganos feitas pelo sr. Alberto Pimentel no seu livro *As amantes de D. João V*, por nos parecerem de fonte segura pela competencia de quem as firma.

«Em toda a peninsula, Portugal e Hespanha, os ciganos foram por vezes perseguidos, mas o rigor draconiano, que se adoptava contra elles, não tardava a afrouxar. Descahia em tolerancia. E isto não seria tanto por causa dos ciganos como por amor das ciganas.

«Nas côrtes de Evora, em 1535, foi estabelecida a prohibição, formal e categorica, de entrarem os ciganos no reino, para evitar os conflictos que provocavam e os damnos que causavam ao povo.

«Vinte e dois annos depois reconheceu-se que a lei das côrtes d'Evora era lettra morta.

«Uma carta regia de 17 de agosto de 1557 prohibiu novamente a entrada dos bohemios em territorio portuguez, devendo ser prezos e punidos todos os que fossem encontrados.

«Dezeseis annos depois tornou-se preciso suscitar a observancia das leis anteriores: um alvará e a sua respectiva apostilla, ambos estes documentos datados de 1573, estabeleceram que os ciganos que se encontrassem, fossem açoutados e degredados perpetuamente para as galés, ou publicamente açoutados com baraço e pregão, e expulsos do reino.

....

«Em Hespanha os reis catholicos tomaram identicas medidas contra os zingaros. Fernando e Izabel desterraram-nos perpetuamente de Hespanha.

«Carlos V renovou a prohibição em 1525, 1528 e 1534.

«Filippe II, em 1560, consentiu-lhes porem que vivessem em Hespanha, trabalhando ou servindo; só os vagabundos seriam prezos, açoutados e desterrados perpetuamente. Mas, em 1619, pediam as côrtes a expulsão dos ciganos, por se haverem tornado uma verdadeira praga.

«Filippe IV, pela pragmatica de 8 de maio de 1633, prohibiu-lhes que usassem trajos differentes dos dos outros habitantes do paiz, que vagabundeassem, que fossem admittidos a dansas e representações, que frequentassem as feiras, etc.: o fim d'esta pragmatica era evitar que continuasse o abuso de se inculcarem ciganos muitas pessoas que o não eram, e que se disfarçavam em trajos de zingaro para melhor realisarem seus maleficios.

«Apezar d'esta severa providencia, as quadrilhas de ciganos continuaram a infestar a Hespanha.

«Em 1763, Carlos III pela pragmatica sancção de 19 de setembro, declarou que os que se denominavam ciganos não o eram por origem e natureza, e decretou que elles e qualquer d'elles não usem de lingua, traje e methodo de vida errante.» Os contraventores d'esta lei seriam marcados nas costas a ferro quente.

«Effectivamente a vida aventurosa dos bohemios, e por ventura, mais que isso, a formosura das zingaras, fazia com que se lhes aggremiassem individuos de varias nações, que com elles e ellas corriam mundo.»

Creio ter sido este o poder que tornou essa raça bastante forte para resistir a tanta perseguição durante o longo periodo de tres seculos.

(Continúa). *Julio Rocha.*

EL-REI D. CARLOS I EM PARIS

EL-REI D. CARLOS I NA CAÇADA DE COMPIEGNE OFFERECIDA PELO PRESIDENTE DA REPUBLICA

FÉ E SCIENCIA

(Concluido do n.º 859)

E' materialmente impossivel ter uma idéa, expôr uma theoria, affirmar uma proposição, emittir opiniões sem que todo este labor intellectual redunde tacita e simultaneamente em demonstração de ser.

E esta verdade é tanto mais indubitavel quanto mais rodeios se inventam para sustentar a negativa e quanto maior numero de recursos pode-

EL-REI D. CARLOS I EM PARIS

CHEGADA DE EL-REI D. CARLOS I A SANDRICOURT, RECEBIDO PELOS MARQUEZES DE BEAUVOIR

mos aproveitar para simplificação do problema vital.

«Ser! não ser!» — estas expressões do inglez Shakspeare, são de facto a formula ultima em que tudo pára e constituem precisamente os dois membros do dilemma da existencia, sendo todavia certo que *ser* abrange com rigor mathematico em sua extensão illimitada substancias e propriedades, coisas e individuos, espaço e tempo, a infinidade do continente e o inexgotavel do conteúdo.

Ser, é assérto positivo e categorico, realidade pura sem a qual o mundo seria absurdo e a intelligencia utopia: não ser, é termo grammatical, mera comparação traduzindo em lingua commum a simples fórma transitoria na evolução physicochimica dos corpos organicos e nas camadas juxtapostas da massa cosmica.

Ex nihil, nihil — é divisa axiomatica não só de maximo irradiar no ponto em questão, mas importa e representa uma barreira invencivel onde embatem e sossobram de continuo todos quantos no enthusiasmo de suas investigações transcendem a meta regular de prudencia claramente indicada a cada um de nós pelo proprio alcance das faculdades mentaes.

Lêr no livro da Natureza, analysar anatomicamente o esqueleto humano e tecer na devida technologia o panegyrico da sciencia e das artes, obedécendo intimamente a orientações de bom senso e a medida proporcional de regras praticas, n'isto consiste o segredo de equilibrio intellectual, a posse da chave decifradora de enygmas possiveis em esphera empirica de observação e de experiencia, a aptidão de saber.

Querer ir além, equivalendo a inicio de caminho em terreno inconsistente e doentio, servirá de ponte de passagem inevitavel para um estado incongruente e febril de delirio assustador e de loucura espasmodica.

Pondo agora de parte a acção mechanica de meios perceptores que nos collocam em contacto immediato com o mundo externo e abstrahindo totalmente de todas as noções que elles nos ministram, anniquilando por um acto arbitrario de nossa vontade o musculo e o ente, o sedimento e o atomo, o contingente e o universal, este prurido anormal de execução maniaca faria palpar mais ainda a realidade absoluta do ser no sentido philosophico da palavra, avolumando contra o não ser e o nada os principios intuitivos da razão, cantico perennal e testemunho authentico da alteza da Idéa, etherea imagem virtual do Infinito e transcendental espiritualidade metaphysica que é defezo penetrar ao pensamento humano.

«Tudo é semelhante a tudo.»

«Nada se perde.» Aqui está a verdade indestructivel e a consolação lisongeira das esperanças.

«Mas olvida-se demasiado em geral que a religião não caminha sem a fé, e que esta é em nossas almas coisa differente de temor, coisa differente de admiração» asseverou Charles Waddington com fundamento magistral.

Attingir pelo saber a proeminencia moral devida ao merito dos que trabalham é grata satisfação de consciencia do homem intelligente que applicou todo o vigor de suas faculdades a largas lucubrações scientificas.

Chegar porém á solução de problemas difficeis, instruir as gerações ácerca dos melhores trilhos que conduzem ao grau de civilisação plena, ser um Socrates da philosophia e um Pasteur na descoberta utilissima e impagavel de novos agentes contra o mal physico destruidor não é ainda bastante para dar o relevo maximo ás cogitações aturadas e

DR. MANOEL VICTORINO PEREIRA

Ex-Vice-Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil

Fallecido em 11 do corrente

insistentes do sabio se em sua alma não irradia fortalecendo a o sol brilhante da fé.

Se os maiores espiritos que honraram a familia humana em todos os seculos não tivessem confiança inteira em suas proprias idéas pelo menos, haveriam carecido do elemento mais indispensavel para desejado triumpho e estimulo algum poderia avivar-lhes a energia.

Quando, ha mais de dois mil annos o grego Archimedes pronunciava no banho a palavra famosa que chegou até nós, que significava o *eureka* a não ser a confirmação de sua crença intima relativamente aos effeitos de deslocação dos solidos nos liquidos?!

A descoberta da America, teria occorrido em 1492 sem a firmeza de convicções de Christovam Colombo?!

Crer e saber são, portanto, dois phenomenos conjugados, em que não existe antagonismo real e onde está contida uma soberana força capaz de vencer todos os obstaculos e todas as argucias capciosas.

Em que repugna á verdadeira sciencia a narrativa evangelica dos factos de tháumaturgia operados por Jesus Christo?

Em que brigam com os principios axiomaticos da mathematica os prodigios authenticados por depoimento unanime de numerosas testemunhas iususpeitissimas, realisados no mundo ao nome da Divindade?

A electricidade produz maravilhas e apesar de ninguem definir precisamente esta potencia extraordinaria, todos considerariam como caso de loucura rematada negar-lhe acção dynamica e seria ainda maior inepcia pôr em duvida sua existencia cosmica.

Pois será logico admittir como certas as forças physico-chimicas cujas manifestações impressionam os sentidos, e ao mesmo tempo não conceder identica admissão no que diz respeito aos factos do Nazareno e de Lourdes, aliás verificados com exato rigor historico?!

Não se contesta no Universo a excellencia de leis mechanicas que impéram sem rival desde a molécula invisivel mesmo para o microscopio até ás mais afastadas agglomerações de estrellas cuja orbita não alcançam telescopios poderosissimos; e que é uma lei, senão a revelação inconcussa e immaterial de uma intelligencia?

Quando, na successão de periodos geologicos que precederem o apparecimento do homem á face da terra passou o momento em que o globo assumiu as condições de existencia actual, que significara toda a serie evolutiva de transformações antecedentes a não ser obediencia fatal a lei organica de corpos?

Logo, já era a intelligencia primordial, o ser Creador e Omnipotente. Virtualmente falando, não é menos assombroso e admiravel communicar o pensamento por um arâme de extremo a extremo de cada continente em segundos apenas, que sarar enfermos e resuscitar mortos.

São actos equivalentes e espelho niveo da mesma divina grandeza. Querer um circulo quadrado, imaginar possuir e não possuir, simultaneamente, certa qualidade e determinado objecto, eis coisas intrinsecamente contradictorias, inadmissiveis perante a sciencia e até impossiveis a Deus.

A verdadeira sciencia crê; repellindo a fé só ha insensatos! «Pela fé, escreveu com superior motivo o marechal Duque de Saldanha, o homem eleva-se áquella vida sublime que dilata a existencia, que faz penetrar o infinito no coração humano, que faz abraçar o céu e a terra no objecto da solicitude divina.

«A fé é a entrada por onde a sciencia, que não busca ultrapassar os seus limites, penetra no recinto da sciencia illimitada, que é o saber de Deus, e offerece então ao mundo a sciencia divina; o finito não é o opposto ao infinito, mas a sua sombra. Assim como os planetas levados pela força dominante no seu systema, giram em volta do sol, assim a sciencia humana circula em um movimento elliptico em torno da sciencia divina que a mantem nos seus limites, e que a determina.»

Não ha pois antithese e antagonismo entre Fé e Sciencia, são ambas deidades cosmopolitas de singradura herculea no oceano da vida, alpha e omega de imponderaveis na ontologia dos seres, — «ambas são luzes» conforme escreveu Mr. de Ségur em opusculo primoroso; mas luzes emanando de um unico foco de incandescencia perpetua, mas luzes identificando-se em uma só luz, Luz de Deus!

D. Francisco de Noronha.

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

CAPITULO I

Das propriedades geraes da materia

(Continuado do numero antecedente)

Nos polyedros irregulares, taes como a *pyramide* e o *prisma*, este processo não satisfaz.

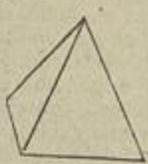



FIG. 5 (a) - Pyramide

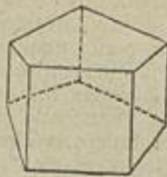



FIG. 5 (b) – Prisma

A *pyramide* é um polyedro irregular cuja base é um polygono qualquer, e cujas faces tendem todas para um ponto chamado *vertice*.

O *prisma* é um polyedro irregular cujas bases são dois polygonos regulares, e as faces parallelogrammos (polygonos regulares de 4 lados).

Tanto o prisma como a pyramide podem ser truncados.

Um *tronco* de pyramide ou de prisma é a porção de pyramide ou prisma, comprehendida entre a base e um plano que a divide.

Na pyramide, esse plano pode ser parallelo á base, no prisma, esse plano deve ser sempre obliquo á base.

O *volume* de uma *pyramide* é egual ao terço do producto da area da sua base pela altura.

O *volume* de um *prisma* é egual ao producto da area da sua base, pela altura.

O *volume* de um *tronco de pyramide* é egual a um terço do producto da altura, pela somma das suas tres superficies (as duas bases e a meia proporcional [1] entre ellas).

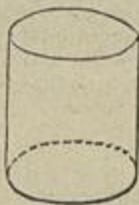



FIG. 6 (a)—Cylindro

FIG. 6 (b)—Cóne

Solidos gerados por superficies curvas. Um *cylindro* é um solido produzido pela revolução de um rectangulo em torno de um dos seus lados.

Um *cóne* é um solido produzido pela revolução de um triangulo em torno de um dos seus lados.

Se se cortar, por meio de um plano, parte de um cóne ou de um cylindro, teremos formado um *cóne* ou *cylindro truncado.*

No primeiro caso, o plano pode ser parallelo ou obliquo á base, no segundo caso, este deverá ser sempre obliquo á base.

O *volume* de um *cylindro* é egual ao producto da area da base pela altura.

O *volume* de um *cóne* é egual a um terço do producto da area da base pela altura.

O *volume* de um *tronco de cóne* é egual a um terço do producto da altura pela somma das suas tres superficies (as duas bases e a meia proporcional entre estas).

O *volume* de um *tronco de cylindro* é egual ao producto da area da base pelo eixo.

A *esphera* é um solido gerado pela revolução de um semi-circulo em torno do diametro.

O *volume* da *esphera* é egual a 4 vezes a area do circulo que a gerou, multiplicada pela terça parte do raio.

Eis, muito rapidamente, indicada a forma de achar a extensão das principaes figuras geometricas.

[1] Chamam-se *linhas proporcionaes*, as linhas cuja razão de duas de ellas, fôr egual á razão das outras duas, referidas ambas á mesma unidade.

Se tivermos 4 linhas, nas quaes a unidade é contida 4 vezes na primeira, 2 na segunda, seis na terceira, e 3 na ultima, formaremos a proporção:

$$\frac{4}{2} = \frac{6}{3}$$

A proporção existe, visto que o producto dos meios (6×2) é egual ao producto dos extremos (4×3). Logo as linhas são *proporcionaes*.

Se os meios forem eguaes, qualquer d'elles é *meio proporcional* entre os extremos, e qualquer extremo por seu turno, terceira proporcional entre o outro extremo e qualquer dos meios.

Quando os corpos são *ócos*, o seu volume interior denomina-se *capacidade*.

No decorrer do nosso trabalho, indicaremos o processo de a calcularmos.

O espaço não occupado por corpo algum, tem o nome de *vacuo* ou *vasio*.

II — IMPENETRABILIDADE

Um logar occupado por um corpo não pode ser occupado por nenhum outro. Um prego enterrado na parede, apenas entra n'esta, depois de ter destruido parte d'ella. Um frasco mergulhado na agua, de bocca para baixo, não pode ser cheio, sem que o ar n'elle contido, tenha sahido. Duas pessoas não podem occupar simultaneamente o mesmo logar.

Esta propriedade da materia denomina-se *impenetrabilidade*.

Fundam-se, n'esta propriedade da materia os *sinos de mergulhador*.

O apparelho consta de uma campanula, a qual se introduz de bocca para baixo nas aguas de um rio, mar ou oceano, no logar onde os mergulhadores desejarem ir ao fundo d'essas aguas. Estes, porém, não correm o risco de se afogarem visto que a campanula completamente cheia de ar impede, por completo, a agua de penetrar n'ella, emquanto o ar, n'ella existente, não se consumir. Mas a respiração sendo um facto inherente á vida do homem, esse ar vae-se tornando a pouco e pouco vicioso, sendo necessario renoval-o. Para esse fim, a campanula communica por meio de dois tubos, com a superficie livre das aguas.

Esses dois tubos são empregados: o primeiro, para dar sahida ao ar viciado, o segundo, para introduzir nova porção de ar, afim dos mergulhadores poderem continuar a permanecer no fundo das aguas. A introducção do ar é feita com o auxilio de uma *bomba aspirante*.

Tanto a *extensão* como a *impenetrabilidade*, além de serem *propriedades geraes* da materia, denominam-se egualmente *essenciaes*, pelo facto de não se poder conceber a existencia da materia, sem estas duas propriedades.

III — DIVISIBILIDADE

Muitos corpos podem ser reduzidos a fragmentos sem ser alterada a sua composição. Se destaparmos um frasco de acido phenico, em breve, o cheiro se espalhará por toda a casa. São pequenas particulas d'essa substancia que se espalham por toda a superficie da casa. Uma gotta de carmim n'uma porção de agua, espalha-se, egualmente, com grande rapidez por toda a agua, tingindo a de um vermelho muito claro. Uma experiencia que todos teem, naturalmente, observado por meios desastrados que sejam. Quando se entorna um copo de agua ou vinho n'uma toalha, os liquidos espalham-se rapidamente, em grande parte da superficie da toalha.

A esta propriedade da materia, denomina-se *divisibilidade*.

Os metaes na sua maior parte, podem ser reduzidos a pequenas laminas ou fios extremamente pequenos. A platina pode ser reduzida a fios de diametro egual a $\frac{1}{1200}$ de millimetro; as folhas de ouro batido podem ser reduzidas a uma espessura de $\frac{1}{10:000}$ de millimetro.

No entanto, a divisibilidade de um corpo tem limite. A menor porção de materia que póde existir livre no espaço, é a *molecula*.

Chimicamente, ainda se suppõe uma porção menor de um corpo, livre no espaço, o que se denomina *atomos*. Dois *atomos* de uma substancia constituem uma *molecula*. O conjuncto de moleculas constitue um *corpo*.

Para se fazer ideia da extrema pequenez da molecula, basta que indiquemos que Dupret avaliou em cerca de 125.000 milhões de moleculas, o numero de moleculas existentes n'um *cubo* de agua, tendo por aresta, um millessimo de diametro.

IV — POROSIDADE

Mergulhando uma esponja dentro de agua, esta absorve, immediatamente, grande porção de agua. Quando transpiramos, as gottas de suor apparecem á superficie do nosso corpo. Deitando agua, n'uma bilha de barro poroso, veremos, em breve a superficie extrema da bilha, humedecida. Deitando uma porção de liquido n'um tecido qualquer, pouco tempo depois, a superficie opposta d'esse tecido acha-se impregnada d'esse liquido.

Esses factos são devidos a uma propriedade da materia denominada *porosidade*.

Porosidade é, portanto, a propriedade que teem alguns corpos de apresentarem entre a ligação das suas moleculas, pequenos intervallos denominados *poros*.

Os poros são, em geral, viziveis, mas ha-os, egualmente inviziveis. Deitando uma porção de agua dentro de um vaso contendo vinho, a mistura resultante é uma quantidade menor que a somma das duas porções misturadas de liquido. Se tivermos lançado 2 litros de agua, em 4 litros de vinho, a mistura será superior a 6 litros, facto devido a absorvição de parte do liquido pelos poros do outro liquido.

Denominam-se *corpos porosos*, aquelles que se deixam atravessar por moleculas de outros corpos O papel, a esponja, os tecidos, etc, estão n'este caso.

Denominam-se corpos *impermeaveis*, os que não gozam d'esta propriedade. A borracha, a argilla, etc, são impermeaveis.

O facto de se utilisarem as capas de borracha na estação invernosa, é unicamente motivado pela propriedade que este corpo tem de não permittir ser atravessado pela agua.

Os filtros para a agua não são mais do que uma applicação da perosidade da materia.

Para filtrar pequena porção de liquido basta um panno de linho ou algodão, ou mesmo um pedaço de papel em forma de funil.

Se, no entretanto, quizermos filtrar maior porção de liquido, utilisar-nos-hemos dos filtros de areia ou carvão.

Estas substancias teem a propriedade de só se deixarem atravessar pelo liquido retendo as demais substancias extranhas a elle E', por isso, que quando se deseja obter a agua pura, se recommenda o filtral-a.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

Disfructava grande nomeada por toda a região dos pequenos Kokels, na Transylvania, a mansão do nobre Aleixo de Radnothy. Não era propriamente uma mansão, termo pelo qual naquellas partes designam as residencias territoriaes dos nobres de medianos havêres; ainda menos um burgo-solarengo, que deste modo capitula o uso os grandes castellos feudaes dos Magnates, arvorados em cidadellas.

A residencia de Radnothy representeva um meio termo entre estas duas especies; tal como a propria familia, a qual nem se filiava na categoria dos Magnates nem pertencia á pequena nobreza, antes, porém, á dos fidalgos de jerarquia, occupando um logar intermédio entre os Magnates e os nobres sem grandeza.

A solarenga mansão campava sobre a crista de elevada montanha.

A cavaleiro da aldeia, projectava densas, estiradas sombras, quando, em tardes amenas, ou nas limpidas noites de luar, se espelhava nas aguas do rio.

Era um edificio espaçoso, rectangular, com um unico sobrado, sem pateo interno, e supposto. devido a esta circumstancia, se extremasse dos burgos acastellados, nem por isso se assemelhava aos solares nobres do typo commum, visto poder jactar-se em como ostentava um bastião com quatro torrinhas; o piso unico, de immensa altura, simulava, quasi, um edificio de dois andares, o vasto telhado de madeira elevava-se a caprichosa e arrojada altura, e o agigantado brazão de armas de pedra escarnecia dos vetustos freixos apenas seculares, circumdando a mansão, e da espaçosa e saliente varanda disfructava-se um tão dilatado panorama, que licito era ao dono imaginar que pertenciam á sua solarenga mansão aquellas inumeras aldeias e aquelles casalejos disseminados por toda a extensão do valle.

Occupava a casa de residencia consideravel espaço. A parte mais elevada e, conjunctamente, o jardim, tomavam todo o planalto da montanha, estendendo se este até á curva do rio. Proximo da casa, erguia se a cozinha, com a sua chaminé sempre fumegante, e um alpendre atravancado de vinagreiras, cerrado por uma porta gradeada de madeira, á qual assomava de quando em quando a governante, gritando e ralhando, como pessoa sobre cujos hombros pesava o trabalho caseiro.

Preguiçava ali, abocando ossos, o corpulento cão de guarda, ao qual o *béresch* (moço da casa) em sua crendice, puséra o nome de um rio, o *Máros*, no intento de o proteger contra a hydrofobia.

Ali, em um ediculo de madeira, pendia a sineta da casa, que poderia muito bem satisfazer ás condições de um sino de egreja, e badalava pontualmente três vezes em cada dia: ao meio dia para chamar os famulos da casa occupados em trabalhos externos, á uma hora para o pessoal interno, e ás duas para os donos da casa.

Tangia habitualmente a sineta a côxa Maria, uma injeitada contrafeita e raquitica, á qual incumbia tratar da criação e a guarda dos gansos; deleitava a esta, sobremodo, o tanger da sineta, e deixar-se-ia ficar para ali meia hora a puxar pela corda, se lhe não bradásse desde logo a assanhada governante: «Não te calarás, meu sapo concho!» D'ali carregavam os criados com as iguarias, abrigadas, quando chovia, debaixo de um guarda-chuva; ali reuniam á noite os trunfos da criadagem, a aia, o huzar, o heidúco, o cocheiro de Estado, e o jardineiro, sujeito um tanto arrogante, e muito nas graças da governante do solar.

Não era de todo destituida de fundamento a importancia attribuida pelo jardineiro á sua pessoa. O jardim entregue aos seus cuidados era um reino em ponto pequeno; nem se parecia com os antigos jardins a francêsa, nem ainda com os modernos parques inglêses; era o genuino jardim hungaro, abençoado pela Natureza, contendo de tudo um pouco: jardim propriamente dito, pomar, horta e colmeal, estufa, distillação de agua-ardente, azenha, prados, um bom pedaço de mata, e, contiguo ao cemiterio da aldeia, a crypta, jazigo da familia. Aquella ordem na desordem, tamanha previdencia a par de tanta fantasia, o extremo cuidado correndo parelhas com o desleixo, imprimiam ao conjunto incanto deveras extravagante e selvatica formosura. Os jardineiros todos de Radnothy pertenciam a uma mesma familia de camponezes feudatarios, e herdavam o cargo, de paes a filhos. A' sciencia transmittida infundia cada qual algum novo elemento. O pae do actual jardineiro fôra de todos o mais incansavel; emprehendera viagens, recolhêra instrucções, e regressára á mansão ruminando vastos planos, que nunca logrou pôr em pratica. No entretanto, aquelle grupo de tilias aformoseando o mais ameno sitio do jardim, ao qual convergiam dos quatro ventos outras tantas alamedas, fôra obra sua.

Imbellezavam o terreno viçosos taboleiros de relva, cercados de vasos contendo flores ráras, e um Neptuno de pedra de monstruosas proporções lançava pelas ventas e pela bôca agua que ia encher um tanquesinho. Os moradores da aldeia vinham ali todos os domingos contemplar boquiabertos uma tal maravilha; e para ali se pespegava, horas esquecidas, o rapazio, em frente do Neptuno de pedra, repetindo a facecia de lhe intupir o nariz com rolhões de erva ou de estopa. Desandava, não raro, a brincadeira em alarido de atordoar, sobresahindo invectivas e as pauladas do jardineiro e o berreiro dos garotos.

Mais longe, e em sitio mais recondito, prolongavam se as dependencias da mansão. O terreiro que as acompanhava em toda a extensão desapparecia como que sob uma alcatifa de vulgar espargata, cortada em diagonal por quatro veredas cruzando-se em direcção opposta. A primeira dava serventia á morada do administrador, e desta para o celeiro; a outra facultava accesso para a estrebaria e perdia-se no pascigo dos cavalos; serpenteava a terceira que ia ter ás capoeiras da criação e aos curraes; a quarta arredava-se em direcção ás diversas dependencias. Cada uma déstas veredas apresentava a sua ramificação conduzindo a uma fonte, e era, por sua vez, cortada pela larga e ensaibrada alameda, a qual, do portico alterosamente encimado por um pombal, ia terminar na residencia.

— Tivera eu tantos florins como de trens rodam por aqui no andar do dia! suspirava o simplice zagal dos bufalos, contemplando espantado os trens rodando para a mansão.

Não escasseavam hospedes a Radnothy, fôra por tantos annos vice-palatino, vivia tão perto da estrada, e mantinha com firmeza tal a honra da sua cása! Era raro achar-se o telheiro ermo de côches de estranhos. Quer ao portão, quer a mais distancia, via se sempre amarrado um ou outro cavalo de séla, pertencente a qualquer membro da pequena nobrêza, vindo ali a fazer a sua visita, ou a uma qualquer consulta. Não escasseavam ali tambem os peões. Fervilhávam no pateo os pobres a apresentar invariavelmente suas queixas, e esperando para ali de chapeu na mão.

Em outros tempos, que animação! Quando ali se reuniam os nobres das cercanias, nos dias da festa do orago do primeiro palatino, ou quando, por occasião das eleições de funccionarios, affluiam os eleitores. Chicotes a estalejar, cavallos a rinchar, cães a latir. Os hospedes que iam chegando empurravam-se uns aos outros, assustadas e anciosas gritavam as timidas damas. O alarido de insurdecer perdia-se nos clamôres da musica, a ebriedade proveniente da dansa confundia-se com a dos vapôres do vinho. Lá em cima na sala-nóbre, lá fóra em frente da mansão, cá em baixo no pateo, por toda a parte tremia o chão, toldava-se o ár, palpitavam os corações, e a veneranda mansão, com as suas janellas illuminadas, dir se-ia rejuvenescida nas trevas da noite e annunciava a região circumjacente em como folgava o seu senhor.

E assim era cincoenta, vinte, e ainda dez annos atráz, hoje, porém, tudo passou. O solár lastima o seu abandóno, e actualmente nem parece o mesmo. O proprio Radnothy o contempla, atonito, como se lhe não pertencêra, e comtudo, ha anno e meio que o viu pela ultima vez.

Foi nos primeiros dias daquelles tempos revoltos, em que uma fébre biliosa o prostrára no leito, na pequena cidade vizinha, onde jazeu até á primavéra do anno de 1850.

E a propria mansão solarenga haveria ella reconhecido, no acto do regresso, ao seu dôno? Difficilmente. Radnothy, não é já, tambem, o que fôra; volta assás decadente e muito incanecido.

No seu rosto sombrio, macerádo apenas se divisam as ruinas das antigas feições, do bom humôr de outrora. Os olhos nêgros e pequenos ainda apresentam brilho, mas com expressão de amarga melancolia. Já não usa o bigode encalamistrado, ou retorcido, e em vez d'isso, apresenta uma barba muito crescida, tornando mais sombrio ainda o seu aspecto.

O proprio trajo é desleixado, sordido até. A dálmatica, forrada de pelle de rapôza acha-se constellada de nodoas de gordura e os alamáres nem já a apertam. O gôrro de castôr, todo comido da traça, descáe, ora para a esquerda, ora para a direita, conforme o humor do dôno. O que ainda lhe recorda os seus dias de prosperidade é a carruagem meio-aberta, que ele mandára fazer por occasião das eleições de funccionarios, e Estevam, o velho huzar, campando, com uns restos da antiga imponencia, na almofada, e os tres caválos pigarsos, que o puxam com tanto garbo, como se carriássem ainda ao dôno, no seu regresso da Casa Consistorial.

Em outros tempos nem só os caválos ostentavam garbo, o dóno que ia ali sentado era outro, tambem.

Acercava-se quasi sempre do seu solar, onde o aguardavam todos, saudando-o, com tranquilla satisfação.

O fumo que subia em espiral por entre as torres como que lhe acenáva de longe; o cantar do moinho esperava-o com saudação mais ruidóza e mais cordial, ainda, as arvores do jardim acolhiam-no com folhagem mais viçosa e mais sazonados fructos; não ráro lhe recreavam a vista médas e médas de fructas, ás quaes, sempre que voltava para casa, vinha incontrar melhorádas, e os chocálhos dos rebanhos que recolhiam ao aprisco soavam-lhe ao ouvido como um carinhoso: «Boa tarde»; o sol declinando dir-se-ia sumir se, parcialmente apenas, empenhado em illuminar ainda uma vez os mais vicejantes sitios da paizagem, e a sua espôsa, sentada á espera delle na varanda, e a acenar-lhe de longe com o lenço. Nos tempos de outr'ora, nem dava por semelhante coisa, agora, comtudo, sentia a falta da mais insignificante circumstancia. Vinham recordar-lh'as as chaminés derruidas da mansão, as torres meio-arruinadas, o telhádo carcomido, as vidraças partidas, as paredes de um amarellado verdoengo, invadidas pelos limos, o aspecto silvestre do jardim, o pateo êrmo, aquellas ruinas todas, em fim, e a unica coisa que se conservava no primitivo estado era o jazigo da familia, tão luminoso sob a acção dos raios do sol no occáso, como se dizer lhe quizesse que attentasse nelle, pois que ali o aguardáva já a propria espôsa.

E comtudo, por mais funda que fosse a commoção que pungia a alma de Radnothy, o semblante deste conservava sempre a mesma expressão, fria e sevéra; não queria inspirar compaixão aos seus servos, e muito menos ao Estevam, ao seu huzar, sempre a virar-se para traz, na almofada do trem, e morrendo por dirigir a palavra ao seu senhor.

Mas não se atreve, visto como, desde que seu amo se acha attribulado e infermo, nem já sabe o que poderá ou não ser lhe agradavel: Quer fale ou guarde silencio, de modo algum consegue contentá-lo. Santo nome de Deus! Oxalá, como outr'ora, se zangasse este, devéras, com elle, e lhe pregasse uma boa sóva, que elle aguentaria, paciente, visto havê la merecido! Hoje, ainda, supporta-la-ia, resignado, comtanto que falar pudesse, pois lhe confrange o coração a dôr que tanto punge o de seu amo.

Porque aqui se creou, aqui tem vivido, e aqui envelheceu. E assim se consumia o edoso servo, até que por fim não pôde ter mão nos proprios sentimentos.

— Ah! meu nobre Senhor! A que estado isto chegou! exclamou em tom de nimia tristeza, no acto em que a carruagem ia descendo uma ladeira.

— Vê se pões freio nessa lingua!

E a ti, que te importa? Estou para ver se se me viras a carruagem á luz do proprio dia, em frente da minha propria casa! exclamou, iracundo, Radnothy, e a elle fazia-lhe tanto bem o falar, como ao proprio criado.

Neste comenos, apeára-se o huzar Estevam, e amparava a carruagem pelo lado esquerdo, supposto se não tornasse de modo nenhum necessaria semelhante manóbra, pois seu amo não estava tão irritado contra elle, como o estava contra o pessimo caminho, outrora tão plano e liso como um pavimento encerádo, e contra os camponezes, ociosos, deitados á porta das cabanas, e que dantes, mal que o avistavam ao longe, se erguiam de chapeu na mão, e agóra, mal levavam a mão á aba.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel).*

METEOROLOGIA

Novembro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
11	755,9	16,4–11,0	Nublado	NW	9,5
12	760,5	14,0–10,3	»	»	1,6
13	763,2	17,4–13,5	P. nublado	NNW	0,1
14	764,6	19,0–13,3	Alg. nuvens	NNE	0,0
15	763,2	18,6–11,7	»	»	0,0
16	765,7	18,1–10,1	»	»	0,0
17	764,2	17,0–12,4	Nublado	NE	0,3
18	762,0	18,6–13,8	»	SW	11,5
19	765,6	17,7–12,9	»	WSW	0,7
20	768,7	18,3–14,0	»	SW	0,7

CHRONICA METEOROLOGICA

Tempo variavel em 11 e 12, com vento do quadrante NW, temperatura um pouco baixa e algumas chuvas, sendo a pressão relativamente baixa. Com a viração do vento para o quadrante NE, accentuou-se a alta na temperatura a qual attingiu 19°,0, em Lisboa, no dia 14, 20° no Porto, 21° em Campo Maior, etc. N'este dia e até 16, observaram-se nevoeiros intensos em quasi todo o reino, mantendo-se a pressão a um nivel baixo, durante estes dias. Na madrugada de 17 para 18, o vento virou para o SW acompanhado de algumas chuvas e temperatura acima da normal, conservando-se este regimen até 20, notando-se n'este ultimo dia alta sensivel na pressão.

NECROLOGIA

CONSELHEIRO JOAQUIM PEITO DE CARVALHO

Fallecido em 13 do corrente

DR. MANOEL VICTORINO PEREIRA

Por um telegramma recebido em 11 do corrente soube-se ter fallecido no Rio de Janeiro o dr. Manoel Victorino Pereira, que foi vice-presidente da republica.

É de notar como no espaço de 12 annos é este o terceiro presidente da republica, que fallece.

O dr. Manoel Victorino Pereira, filho de um honrado industrial portuguez, Victorino José Pereira, estabelecido na Bahia, nasceu n'aquella cidade em 30 de Janeiro de 1854.

Intelligencia clara, fez o curso de medicina na escola da Bahia, fazendo depois uma viagem de estudo pela Europa.

No regresso concorreu á cadeira de clinica cirurgica da Escola da Bahia sendo provido no logar com grande applauso da academia.

Em 1885 entrou o dr. Victorino Pereira nas lides da imprensa em favor da abolição da escravatura no Brazil, dando-lhe grande nomeada seus artigos, o que influiu para n'esse mesmo anno ser eleito deputado pelo partido liberal.

Tendo sido proclamada a republica em 1889, um dos primeiros actos do governo foi nomear o dr. Victorino Pereira governador da Bahia.

Nas eleições de 1890 foi eleito deputado por mais de 25:000 votos, e nas constituintes foi o mais votado para senador.

O dr. Victorino Pereira emfim conquistou o mais elevado cargo da republica sendo eleito em 1896 vice-presidente e, por motivo de doença do dr Prudente de Moraes, assumia a presidencia em dezembro d'esse anno.

Foi bom e liberal o seu governo, o que não impediu de lhe acarretar desgostos que concorreram para aggravar a sua saude, e para abandonar o poder retirando-se da politica e entregando-se de novo aos seus estudos scientificos.

Era um amigo dos portuguezes e portanto do nosso paiz.

CONSELHEIRO PEITO DE CARVALHO

Teve grande nomeada politica o conselheiro Joaquim Peito de Carvalho, que falleceu no dia 13 do corrente.

Foi dos funccionarios publicos mais distinctos e que com maior zelo serviu o seu paiz. Tendo sido governador civil de Leiria, desempenhou depois as mesmas funcções em Lisboa, em tempos de El-rei D. Luiz.

Exerceu tambem o cargo de director geral das alfandegas, logar que deixou, passando á disponibilidade, no governo em que Oliveira Martins foi ministro da fazenda.

Desde então Peito de Carvalho retirou-se á vida particular, talvez desilludido da politica e ainda mais achacado de doença, que por fim o venceu, apesar da sua robusta organisação de transmontano.

Peito de Carvalho foi deputado em varias legislaturas e par do reino electivo.

Falleceu com 67 annos de idade e ao seu funeral concorreu tudo que ha de mais distincto na politica e alto funccionalismo.

A Sr.ª D. Maria Pia, que está no extrangeiro, enviou um telegramma de pesames á viuva, assim concebido:

Moncalieri 14 ás 7,50—A triste noticia que me mandou muito me affligiu e mando lhe os meus mais sentidos pesames pelo fallecimento de seu marido, cuja falta muito sinto como leal servidor e bom amigo que sempre foi de el-rei D. Luiz e nosso. Sempre foi dedicado ao seu paiz, a que prestou relevantes serviços. Tomo grande parte no seu desgosto e peço a Deus que a conforte n'este angustioso lance.— *Maria Pia.*